

Etnografia de um show na virada cultural – de perto e (muito) de dentro

Rodrigo Chiquetto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1400>

DOI: 10.4000/pontourbe.1400

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Refêrencia eletrónica

Rodrigo Chiquetto, « Etnografia de um show na virada cultural – de perto e (muito) de dentro », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 30 julho 2012, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1400> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1400

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© NAU

Etnografia de um show na virada cultural – de perto e (muito) de dentro

Rodrigo Chiquetto

- 1 A virada cultural é sempre um acontecimento bastante esperado no calendário dos paulistanos e neste ano não seria diferente. Eu já procurava saber um pouco mais da programação evento quando recebi uma mensagem, pelo celular, do baixista da minha banda (Guilherme), em que dizia que tínhamos sido convidados para tocar na virada. Perguntei para ele (também por mensagem) do que ele estava falando e ele respondeu que havia encontrado um conhecido numa festa que tinha dito estar organizando um palco no centro e precisando de bandas para complementar sua programação.
- 2 Imaginei um palco da Virada Cultural: com aparelhagem de primeira, sendo parte de um evento bem organizado (o que significa, entre outras coisas, começar a tocar na hora combinada), muitas pessoas passando e ouvindo o som... Mas restava uma dúvida: seria possível entrar na programação do evento por meio de um convite? Não deveria ser algo mais burocrático? Conversei com Yana, a vocalista, e chegamos a conclusão de que provavelmente essa história não era séria mas que, se de fato fosse, seria uma ótima experiência. E foi isso que dissemos ao baixista: “certifique-se de que é verdade! Se for, estamos dentro”.
- 3 Obviamente não era exatamente aquilo que tínhamos imaginado. Na verdade, o tal palco não era oficial. Tratava-se de um evento paralelo, realizado por pessoas que não trabalhavam para a prefeitura. De qualquer modo, me interessei. Nunca tinha pensado por essa perspectiva... A Virada Cultural era um acontecimento público criado pelo Estado, mas logicamente devia agregar também toda sorte de grupos que se colocariam numa posição extraoficial.
- 4 No entanto, como já tinha bastante experiência com eventos não-oficiais, pedi, então, para que Guilherme se certificasse melhor sobre como seria, de fato, organizado o palco. Não tivemos sucesso em nos comunicarmos com nosso interlocutor por algum tempo e chegamos a pensar que não participaríamos mais, até que a questão voltou novamente à

baila, apenas alguns dias antes do sábado em que deveríamos tocar, quando o rapaz entrou em contato novamente conosco. Aparentemente, haviam conseguido o equipamento. Precisavam, no entanto, de um amplificador de baixo, que nós tínhamos.

- 5 Tal situação gerou certa discussão interna, pois me remetia aos tantos shows “sem aparelhagem” em que eu já havia tocado. Quando se trata de um estilo mais “pesado” (um heavy metal, punk rock, hard rock, etc.), não há muitos problemas, pois o som “ruim” é até parte da música ali encenada. As guitarras distorcidas, o vocal “gritado”, o timbre gerado por amplificadores que se poderia chamar “de baixa qualidade” é fundamental para a construção desse tipo de sonoridade. No entanto, nossa banda não se caracterizava por seguir tais estruturas sonoras, flertando com uma estética mais “jazzística”: era rock, mas era outro rock. A “aparelhagem” de que necessitamos é outra.
- 6 Já havíamos passado por alguns shows em que eu não havia ficado satisfeito com o resultado sonoro, principalmente por conta da qualidade dos amplificadores e, principalmente, por conta da qualidade da parte do conjunto de aparelhos que deveria dar conta do vocal. O vocalista (no nosso caso, a vocalista), dos estilos de música parecidos com o nosso, é sempre o lado mais prejudicado quando a aparelhagem não é “boa”, pois tem que se esforçar muito para sua voz aparecer no conjunto.
- 7 De modo que avisei aos outros componentes da banda: “vai ser muito ruim, o show vai ser bem chato para a gente, porque provavelmente a estrutura deve ser horrível”. Mesmo assim, a vontade de “tocar na Virada” falou mais alto e decidimos comparecer. Para tanto, aparentemente, seria de bom tom contribuirmos com e dita estrutura. “Sobrou” para o Guilherme, que teve de levar seu pesado amplificador na casa do organizador do palco para que este arrumasse tudo no dia seguinte.
- 8 Entre essas conversas todas, surgiu uma dúvida. Em que tomada elétrica, de qual lugar do meio do centro de São Paulo, afinal de contas, todos aqueles amplificadores seriam conectados? Foi então que fiquei sabendo que aquele palco paralelo era parte de um projeto mais amplo, chamado Gerar Dor, que tinha como proposta realizar pequenos shows pela cidade através da alimentação por um gerador elétrico a gasolina. Achei a ideia bastante interessante e pedi para que Guilherme me incluísse no “evento” do Facebook, por meio do qual o palco havia sido organizado, para que eu obtivesse mais informações. Este, contava com a seguinte descrição:
- 9 7ª Edição do Projeto GerarDor – VIRADA SUBCULTURAL! (Sem flyer)
- 10 Amanhã, dia 05/05, acontecerá à 7ª edição do Projeto GerarDor. Desta vez serão 10 bandas tocando no centro da linda e fedorenta cidade de São Paulo. O rolê começa às 15h00 e vai até o gerador explodir. Agora, se chover, você que sabe! Ou você não vai ou você espera. Pra mim tanto faz! As bandas que participarão desta edição:
- 11 Veneno lento
- 12 deaf kids
- 13 imigrantes italianos
- 14 la chatte
- 15 prokrastination klan
- 16 speed kills
- 17 a ladeira
- 18 gattopardo

- 19 futuro
- 20 Logo abaixo, o seguinte post:
- 21 ATENÇÃO ATENÇÃO~~ESTAMOS NUMA CRISE DE EQUIPAMENTO E SE NINGUÉM AJUDAR VAI PELO RALO.
- 22 Detalhe: o show seria no dia 05 de Maio e aquela atualização havia se dado no dia 04, às 23 horas. O mais desalentador eram alguns comentários dos diversos organizadores que davam conta de que o problema, na verdade, era bem mais sério do que eu havia imaginado quando tinha descoberto o caráter do palco, uma vez que, aparentemente, não haviam conseguido praticamente nenhum equipamento até aquele momento.
- 23 Fui dormir esperando pela possibilidade de o show não acontecer. O que, devo admitir, não me deixou assim tão preocupado.
- 24 Às 12 horas do dia 05, enfim, o seguinte post foi publicado no mural do evento, no Facebook:
- 25 CONSEGUIMOS TUDO E ESTAMOS A CAMINHO
- 26 Peguei minha guitarra, encontrei Yana, que apresentava alguns sintomas de gripe mas que, mesmo assim, queria tocar. Fomos de metrô para a estação da Luz.
- 27 Subindo as escadas da saída da Pinacoteca já era possível ouvir o som pesado, que se desenrolava numa calçada localizada entre o prédio histórico da estação e o Parque da Luz. Um grupo de 50 pessoas se aglomeravam no entorno de uns rapazes que tocavam música punk. Alguns garotos se trombavam, curtindo o som. Muitos bebiam direto da garrafa. O cheiro de fumaça de gasolina se espalhava pelo ar e o som do motor do gerador transparecia ao fundo. Fomos até um canto, encontramos alguns amigos que nos esperavam e ficamos no aguardo do Guilherme.
- 28 Tão logo chegou, já foi abordado por seu amigo que disse que deveríamos tocar imediatamente, pois aquela banda era, na verdade, improvisada, e estava só cobrindo uma janela deixada por um dos conjuntos musicais que não apareceram. Tentamos argumentar que havíamos combinado tocar mais tarde e que muitos dos nossos convidados não tinham chegado ainda, mas nosso interlocutor não se dobrou. Disse que ninguém estava ali para amaciar o ego, que era um projeto realizado em conjunto e arrematou dizendo que nós nem mesmo tínhamos aparecido mais cedo para montar o palco!
- 29 Um outro rapaz, que parecia conhecer melhor o equipamento, apareceu e disse que havia dois amplificadores de guitarra e dois de baixo, além da bateria. O microfone seria ligado no amplificador de baixo, mas este estaria falhando por causa da energia do gerador, que era bastante inconstante.
- 30 “Subimos” no palco, pegamos nossos instrumentos, ouvimos um velho bêbado falando que queria que a gente tocasse logo um “rock pesado” e testamos o som. Era horrível. O amplificador de guitarra ficava alternando entre o som distorcido e o limpo sem que eu quisesse. Aquele no qual estava ligado o microfone, além de estar com o volume muito baixo, sofria de “apagões” constantes. O baterista quase não nos ouvia.
- 31 Mas começamos mesmo assim. Teríamos pouco tempo, pois logo haveria outra banda na fila. Tocamos, então, quatro músicas, em meio a certos acidentes, pois pelo menos duas vezes o microfone sumiu no começo de alguma canção e tivemos de reiniciá-la. De minha parte, como estava muito concentrado no som – pois minha guitarra não parava de entrar

e sair da distorção sem que eu quisesse – mal pude prestar atenção na plateia ou mesmo “curtir” a música.

- 32 Ao final da última música, muitas pessoas vieram nos cumprimentar. O rapaz que havia nos convidado (e que havia dado aquela “lição de moral” antes da apresentação) nos perguntou se gostaríamos de realizar outras dessas e falou que nossa banda era a “mais redondinha”, pois “você não vê uma guitarra entrando em cima da outra”. Nossos convidados elogiaram bastante a qualidade do som... De fato, tocar a música e fruir o som que está sendo tocado são coisas bastante distintas, podendo representar impressões quase opostas de algo que está ocorrendo.
- 33 Como a Yana estava piorando – apresentando sinais de febre, náusea, etc – e dependia da minha carona para voltar para casa (tínhamos ido de carro até o metrô) acabei voltando da Virada Cultural somente com a experiência de ter tocado. Posso afirmar, com certeza, que foi “outra” virada.
-

AUTOR

RODRIGO CHIQUETTO

Mestrando em Antropologia Social pela USP